

Congreso Iberoamericano de Educación

METAS 2021

Un congreso para que pensemos entre todos la educación que queremos
Buenos Aires, República Argentina. 13, 14 y 15 de septiembre de 2010

EDUCACIÓN ARTÍSTICA

História e arte educação um estudo interdisciplinar

Prof.^a Dr.^a Zeloí Martins dos Santos¹

¹ Faculdade de Artes do Paraná-Brasil. z-ela@hotmail.com.br

Já não é mais imaginável que o educador deste final de século permaneça na consulta às estantes fixas dos textos escritos apenas na área da educação. Nosso convite é para o educador consulte as prateleiras do lado, acima e abaixo, prateleiras gestadas em outras ciências. E, nessa aventura de percorrer o novo, possa aguçar para um outro tempo na educação. (1995, p.8)

Ivani Fazenda

As novas abordagens da historiografia possibilitaram ao pesquisador a intermediação com a produção material e imaterial das sociedades: da expressão artística, do significado da presença no espaço geográfico como indivíduos únicos, da atividade, do gosto, das linguagens, da maneira de ser, da construção de símbolos. Importa, portanto, considerar que todos os vestígios e pistas do presente e passado podem servir de matéria para a reconstrução da representação histórica.

Já em 1929, Marc Bloch e Lucien Febvre propunham aos historiadores que o ofício do historiador deveria ir além dos textos escritos.

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta das flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses de lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Não consistirá toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiador, num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, fazer com que digam o que por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram – e, finalmente, constituir entre elas essa vasta rede de solidariedade e de entre ajuda que supre a ausência do documento escrito? (1985, p.249)

Essa prática ganhou credibilidade ao longo do tempo, e a história, no seu embate como disciplina, ganhou novas perspectivas para a produção do conhecimento histórico. A noção de documento quanto à de texto ampliaram-se. Atualmente, todos os vestígios do passado e do presente são considerados documentos com possibilidades para a pesquisa histórica. Textos, verbais e não-verbais, como as produções artísticas nas artes visuais, na música, na dança, no teatro, no cinema passaram a fazer parte do elenco de fontes da

produção historiográfica. Gerando condições para a construção do discurso histórico sobre essas modalidades artísticas. Com efeito, essa adição realmente facultou aos pesquisadores das áreas de Ciências Humanas e de Letras, Lingüística e Artes uma diversidade de leituras em perspectivas inter e transdisciplinares. Essa tendência de trabalho está aproximando em especial a História a outras áreas do conhecimento, uma vez que ela busca estabelecer novas metodologias para trabalhar com linguagens diferenciadas.

Segundo Sérgio Bairon,

A história da cultura na contemporaneidade, portanto, nos abriu o caminho interdisciplinaridade, não somente por ter renovado suas categorias de documentos, de abordagens temáticas e problemas históricos, mas também por ter tomado a iniciativa de ampliar, e muito, a interlocução com outras áreas. (2002, p.121-122)

Gostaríamos de compartilhar com os professores/pesquisadores uma experiência pessoal de trabalho: quando iniciei as atividades docentes na FAP, em maio de 2006, ministrei aulas na disciplina de Método e Técnicas de Pesquisa para os acadêmicos do primeiro ano dos cursos de Dança, Artes Visuais, Música Licenciatura e Música Bacharelado, deparei-me com vários questionamentos de acadêmicos interessados em informações a respeito da pesquisa científica com temáticas específicas evidenciando linguagens artísticas. Entendemos que esse interesse não poderia ser desprezado, mas sim incentivado para que lhes fosse propiciado aprofundar o conhecimento a respeito de assuntos de seu interesse e ampliassem suas possibilidades de conhecimento pela atividade de pesquisa.

A proposta do programa da Disciplina de Métodos e Técnicas foi reorganizada, propondo que os acadêmicos construíssem um projeto de pesquisa cuja temática deveria contemplar a sua área de conhecimento (música, dança, artes visuais, teatro). Muitos desses projetos, com o auxílio e orientação adequada dos professores/pesquisadores, tornaram-se projetos para a elaboração de artigos, ensaios, projetos de iniciação científica ou mesmo o próprio trabalho de conclusão de curso. Podemos ressaltar que o interesse dos acadêmicos tornou-se uma realidade, porque muitos projetos foram executados e os resultados foram apresentados no formato de: Trabalhos de Conclusão de Curso, Artigos científicos, Pôsteres apresentados em eventos locais e nacionais.

Compartilhamos com as considerações de Pedro Demo quando ele afirma que a pesquisa entre muitos de seus significados para uma comunidade acadêmica é geradora de consciência crítica e condição para a produção e a transmissão do conhecimento.

[...] pesquisa pode significar condição de consciência crítica e cabe como componente necessário de toda proposta emancipatória. Para não ser mero objeto de pressões alheias, é mister encarar a realidade com espírito crítico, tornando-a palco de possível construção social alternativa. Aí, já não se trata de copiar a realidade, mas de reconstruí-la conforme os nossos interesses e esperanças. É preciso construir a necessidade de construir caminhos, não receitas que tendem a destruir o desafio de construção. (2006, p.10)

As orientações dos trabalhos de pesquisas juntamente com a troca de conhecimentos; o contato com metodologia de pesquisa em artes; discussões nos encontros do grupo interdisciplinar de pesquisa em artes resultaram em um interesse maior de intermediar saberes. Isso tornou possível a criação de um espaço para a discussão de temas voltados para a pesquisa histórico-artística que viabilizou discussões a respeito de temas sempre cambiáveis nos limites dos discursos produzidos pelos historiadores.

A intermediação da História com outras disciplinas vêm apresentando resultados com expressiva diversidade de textos produzidos, evidenciando a troca de conhecimento permitindo que diferentes saberes e pontos de vista possam ser explorados em uma iniciativa comum. A pluralidade de instrumentos, de temas, de abordagens e de procedimentos ocasionou mudanças no território do historiador; portanto, descortinaram-se novas possibilidades de produzir e transmitir o conhecimento histórico.

Trata-se de duas formas de registrar o discurso da humanidade, que se diferencia por sutis conceitos de ficção e de verdade que, segundo Antônio Celso Ferreira,

As relações entre história e literatura estão no centro do debate sobre a disciplina histórica na atualidade. Constituindo-se em linha de pesquisa destacada, o estudo desse intercâmbio remete, no entanto, a uma reflexão que já acumula várias décadas e envolve diferentes áreas das humanidades preocupadas com a linguagem.

Pautado por uma ótica interdisciplinar e comparativista, tal linha acompanha a propensão contemporânea de se interrogar as fronteiras de conhecimento que a tradição institucional construiu. Questionam-se os limites entre arte, ciências e filosofia, ficção e verdade; gêneros literários; narrativa histórica e narrativa literária. Todavia, essa tendência pode representar

um caminho de renovação teórica, metodológica e disciplinar, lançando indagações de enorme amplitude. (1996, p.54)

Outra reflexão a respeito da intermediação das duas áreas de conhecimento é o discurso de vozes compartilhadas que pode ser observado no trabalho do grupo *Clíope*² de leituras cruzadas, entre historiadores, sociólogos e críticos literários que evidenciam em suas discussões o cruzamento dos olhares da história e literatura, suas fronteiras e identidades. Em suas publicações evidenciam a troca de experiências, as abordagens desse trabalho de domínio transdisciplinar. Para Jacques Leenhardt e Sandra Jatthy Pesavento,

Ler a história como literatura, ver na literatura e a história se escrevendo, isto é possível? Interpenetrar processos sociais e processos simbólicos implica um entrecruzamento de olhares que, por sua vez, parte de alguns pressupostos que norteiam uma questão aberta já há algum tempo, desde Michel de Certeau e Paul Ricoeur a Hayden White.

Entretanto, o trabalho acadêmico contemporâneo tem implicações teóricas bem precisas, abertas pela incerteza geral que preside o campo das ciências humanas em face da derrocada dos modelos explicativos da realidade. Desta incerteza, reabre-se o debate em torno da verdade, do simbólico, da finalidade das narrativas histórica e literária, da gerência do tempo e da recepção do texto, questões estas que colocam a história e a literatura como leituras possíveis de uma recriação imaginada do real. (1998, p. 9-10)

O trabalho do historiador Nicolau Sevcenko – *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República* – é outro exemplo de pesquisa interdisciplinar entre história e literatura que analisa a obra de dois escritores brasileiros – Euclides da Cunha e Lima Barreto – com o Rio de Janeiro no período inicial da República como cenário. Segundo o autor

² “O grupo *Clíope*, formado em 1994, por ocasião do 46º Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Estocolmo, que se dedica aos estudos do cruzamento da história com a literatura, reunindo pesquisadores de diferentes países e instituições”. (LEENHARDT; PESAVENTO, 1998).

A exigência metodológica que se faz, contudo, para que não se regrida a posições reducionistas anteriores, é de que se preserve toda a riqueza estética e comunicativa do texto literário, cuidando igualmente para que a produção discursiva não perca o conjunto de significados condensados na sua dimensão social. (1983, p.20)

A literatura é uma produção artística que se destina a agradar e a comover seu público leitor –, código revelador da expressão da sociedade, com a missão de revelar as tensões, magoas da sociedade marginalizada. Para SEVCENKO

Deve traduzir no seu âmago mais um anseio de mudança do que os mecanismos da permanência. Sendo um produto do desejo, seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade. Preocupa-se com o aquilo que poderia ou deveria ser a ordem das coisas [...]. (1983, p.20)

O historiador ao trabalhar com o texto literário deve ter consciência de que este revela o que não ocorreu, as inúmeras possibilidades de planos que não se concretizaram na história vivida, mas que talvez tenham sido pensados e desejados por uma minoria. Roland Barthes (2004, p.163), no *Discurso da História*, questiona a ausência do eu-narrador; o historiador é visto como uma testemunha dos acontecimentos, filtrados do passado distante ou de um passado imediato e, através da “sanção da ciência histórica” elaborará o discurso do real. As reflexões de Barthes nos levam a questionar o discurso histórico. Os historiadores, ao buscarem suas fontes para desenvolver as pesquisas, podem ser questionados: será que eles analisam a realidade ou a ficção; a verdade ou a mentira. Afinal, eles não podem se utilizar da magia de reviver o momento do acontecimento, enquanto o escritor literário se torna cúmplice do fato-ficção, realidade e imaginação, verdade e verossimilhança, de uma maneira mais despojada que esse historiador.

Ao voltarmos o pensamento para as fronteiras entre os modos de registrar tanto o que aconteceu quanto o que é imaginado por alguém, surgiu um questionamento durante o estudo, o que deu início a novas necessidades de entendimento de como se dá o processo de escrita historiográfica e ficcional. Ficou claro que ambos, história e literatura, são artefatos verbais, de modo que as narrativas

de fatos que foram observáveis e que são considerados, portanto, históricos, em seus aspectos formais são similares aos fatos narrados e produtos da imaginação de um narrador. A realidade pode ser representada de forma indireta pelo romancista que usa a imaginação, mediante a figuração da linguagem, enquanto o historiador registra propostas que afirma corresponder aos detalhes extratextuais. Porém, todo discurso escrito revela uma forma de conhecimento mimético, isto é, tanto a ficcional quanto a não ficcional representam apenas a realidade acontecida ou imaginada. Com efeito, tanto história quanto romance ou poema são textos e como tais necessitam ser entendidos através dos recursos de conhecimento específicos para a leitura de palavras escritas. Enfim, literatura e história limitam-se em um trópico sutil; os limites do discurso são gêneros discursivos, mas diferentes que utilizam recursos narrativos similares com intenções distintas.

Num segundo momento transferimos nossas leituras para outra modalidade artística³ com tempo reduzido para as leituras em torno da história e da música. Realizamos um recorte para estudar a música brasileira (1950-1990) e num primeiro momento observamos os trabalhos de José Geraldo Vinci de Moraes, no artigo *Os primeiros historiadores da música popular urbana no Brasil* e os textos do historiador e pesquisador Marcos Napolitano em que ele propõe o debate e a troca de idéias sobre o tema.

[...] a maior parte da produção foi realizada por jornalistas, na forma de crônicas, biografias e memórias. Em meados dos anos 80, os programas de pós-graduação em ciências humanas e artes passaram a abrir espaço para pesquisas relativa a MPB e a outros gêneros musicais, acompanhando a formidável valorização cultural e estética do cancionário brasileiro [...].(2006, p.138)

O autor ainda evidencia que a obra de Celso Favoretto (1979), *Tropicália: alegoria, alegria*, foi uma das primeiras de cunho acadêmico que tratava de um importante momento da MPB. Ele acrescenta que existe uma carência de pesquisa na área da música e o isolamento dos Programas de Pós-Graduação, e a recorrência dos pesquisadores a fontes já visitadas dificulta a ampliação do diálogo. Entretanto, Napolitano ressalta que:

³ Gostaríamos de esclarecer que em nenhum momento foi intenção percorrer um percurso pelo universo das diversas modalidades artísticas, o que seria impossível de realizar. Porque demandaria um tempo longo de seleção e leituras. Optamos em trabalhar primeiramente com a literatura e numa seqüência restando disponibilidade de tempo trabalhar com a intermediação da história com a música.

[...] acreditamos que a grande contribuição dos historiadores seja a de fazer avançar os estudos de maneira interdisciplinar, além de renovar o índice de temas ligados à história da música popular, incorporando novos eventos, novas fontes e novos problemas. Existe uma gama enorme de fontes, períodos e temas poucos explorados, tais como estudos específicos da crítica musical e da indústria fonográfica; relações entre canção e TV: o cenário musical dos anos de 1950 e 1970: os tipos de recepção social da música popular brasileira. O desafio daqui por diante, sobretudo para a área da História, será realizar um cruzamento crítico de fontes, abordagens, métodos e resultados de análise sobre a canção brasileira. (2006, p.149)

Outro texto analisado foi o da Professora e Pesquisadora Dr^a. Maria Izilda S. Matos intitulado *Sensibilidade, música e boemia: Antonio Maria* – que aponta também que o corpo documental referente à música é pouco explorado pela análise historiográfica. A constatação da pesquisadora pode ser pensada a partir do que o historiador Jim Sharpe revelou em seu artigo *A história vista de baixo*. O trabalho apresenta fontes que expõem o cotidiano das minorias e um prática recente de análise. O confronto com fontes documentais que evidenciam personagens como os boêmios, os artistas populares, os sambistas, os poetas cujas manifestações e desabafos muitas vezes foram explicitadas somente nas canções, nas poesias, nas letras musicais, podem revelar contextos históricos diferenciados.

O conteúdo que aparece nesse tipo de documentos, segundo a pesquisadora, “abordam temáticas raras em outras fontes, como a sensibilidades, amor, dor, romantismo, protesto, denúncia.” (2007, p.360). Essa constatação abre um leque de possibilidades para os historiadores e pesquisadores de outras áreas interessados em extrair dessas fontes interpretações do real vivido por tais personagens transmutados em suas canções, poesias, denúncias particulares e também coletivas.

A dualidade apresenta na música, que ao mesmo tempo trata-se de uma manifestação artística e por outro lado revela “vivência cotidiana” que é captada pelo artista/compositor, que expressa nas suas composições o real da vida cotidiana da sociedade da qual este esta inserido. E o pesquisador ao abordar sua produção, como fontes para análise da pesquisa histórica evidenciam o real transmutado para a linguagem poética.

Nesse contexto de mudanças na forma de praticar a pesquisa histórica, percebe-se um aumento na tendência voltada para a história cultural, destacando-se o resgate das memórias coletivas e individuais, o que permite o desdobramento

metodológico e proporciona uma diversidade de leituras e de representações do passado pesquisado.

As fontes, a matéria-prima do trabalho do historiador, segundo Carlo Ginzburg (1989), passaram a ser consideradas “indiciarias” daquilo que poderia ter sido o acontecimento passado. A partir desses indícios ou fragmentos, o historiador constrói uma versão, recriação imaginária do real.

Tal mudança pode ser percebida no discurso da micro-história, da história local, da história individual, enfim, da história que reconstrói identidades peculiares e individuais, sem, portanto, ignorar a macro-história.

REFERÊNCIAS

BAUER, M. W. ; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som*. Tradução de Pedrinho A. Guaresschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BURKE, P. (org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, P. *História e teoria social*. São Paulo: UNESP, 2002.

CARDOSO, C., VAINFAS, R. (orgs.) *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FAZENDA, I. (ORG.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas: Papirus, 1995.

HOBBSAWM, Eric. *História Social do Jazz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HISTÓRIA: questões & debates. Curitiba, PR: Ed. da UFPR, v.16, n.30, jan./jun.1999.

KERN, A. A . O perfil dos historiadores do novo milênio. In: *Revista da sociedade brasileira de pesquisa histórica*. Curitiba: n.19, 2000.

LE GOFF, J. *História e memória*. 3.ed., São Paulo: Unicamp, 1994.

LE GOFF, J.; NORA, P. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

MATOS, Maria Izilda S. Sensibilidade, música e boemia: Antonio Maria. In: SERPA, Elio Cantalicio; MENEZES, Marcos Antonio de. *Escritas da História: narrativa, arte e nação*. Uberlândia: UDUFU, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. A historiografia da música popular brasileira (1970-1990): síntese bibliográfica e desafios atuais da pesquisa histórica. In: *ARTCULTURA*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. v.8, jul.-dez, n.13, 2006.

NORA, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo: 1993.

OLIVEIRA, P. de S.(org). *Metodologia das ciências humanas*. São Paulo:Hucitec/UNESP, 1998.